

Recebido em fev. 2016
Aprovado em mar. 2016

O CONCEITO DE DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE NA OBRA FOUCAULTIANA A VONTADE DE SABER

EDUARDO ALEXANDRE SANTOS DE OLIVEIRA *

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 12 n. 24, VERAO 2015

RESUMO

Trata-se de uma análise acerca do conceito de dispositivo de sexualidade, abordado pelo filósofo francês, Michel Foucault, na obra *A Vontade de Saber*. Verifica-se em que consiste um dispositivo, o que é essa estratégia de sexualidade, sua função na disciplinarização de corpos e na constituição de populações a partir discursos sobre o sexo, o qual, num primeiro momento é ligado a questões religiosas e, posteriormente, é vinculado a perspectivas biológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Foucault. Dispositivo de sexualidade. Vontade de Saber. Poder-saber. Dispositivo.

* Professor da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO (DEHIS/Irati). Área de Estudos: Ética e Filosofia Política, Filosofia e Educação.

ABSTRACT

This is an analysis of the concept of sexuality device addressed by the French philosopher Michel Foucault in his work *The will to know*. It appears that is a device, which is that sexuality strategy, their role in disciplining bodies and the establishment of populations from discourses on sex, which at first is linked to religious issues and subsequently it is linked to biological perspectives.

KEYWORDS

Foucault. Sexuality device. *The will to know*. Power-knowledge. Device.

1.0 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE É UM DISPOSITIVO

Na intitulada fase genealógica, ao estudar o sujeito, Foucault cria o conceito de dispositivo. Esses são máquinas, estratégias, táticas, (Cf. FOUCAULT, 1979) que possuem a função de configurar corpos e almas e, também, fabricar populações para atenderem uma determinada urgência histórica: a escola, o hospital, o exército, a oficina, a prisão, a família, entre outros, são alguns desses dispositivos.

Essas configurações são possíveis por meio daquilo que o pensador francês intitula de poder e de saber. Por poder, o filósofo francês compreende infinitésimas “[...] relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas.” (FOUCAULT, 2006, p. 231) que ocorrem em todas as instâncias da sociedade. Essas lutas são entendidas como ações sobre ações: é o exercício do poder que esculpe os corpos e as subjetividades dos indivíduos. Já por saber, Foucault compreende a formação discursiva em conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas num tempo e espaço: em determinado momento, emite-se certo enunciado e isso que fora dito se configura como um saber verdadeiro, o qual, ao ser ensinado por meio da relação de poder, atua de maneira disciplinar. Numa família, por exemplo, quando os pais vêem seus filhos sentados de forma tida como incorreta, podem repreendê-los e corrigi-los pondo-lhes em posição apropriada. Nesse caso, essa foi uma ação dos pais sobre a da prole que se pautou num saber considerado verdadeiro, como por exemplo, que a má postura compromete o crescimento e o movimento do corpo: assim a criança crescerá de

acordo com a postura certa e, também, pensará a partir desse saber. Valendo-se ainda do exemplo, percebe-se que a ação do dispositivo não apenas visa à disciplina, mas também, objetiva o desenvolvimento do corpo sobre certo discurso biológico¹.

Foucault aborda duas modalidades de dispositivo, quais sejam, o disciplinar e o de segurança. O disciplinar (analisado, sobretudo, em Vigiar e punir (2007)), visa o corpo enquanto desempenho. Já o de segurança (abordado em Segurança, território e população (2008)) está ligado ao biopoder, o qual atua sobre traços biológicos dos indivíduos de uma população a ponto de constituí-la e programá-la para determinado objetivo.

Dentre os dispositivos trabalhados por Foucault, encarrega-se nesse trabalho em verificar o dispositivo de sexualidade. Em que consiste?

2.0 O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE

Antes de discorrer sobre esse dispositivo, há duas ressalvas a fazer. A primeira é de que ele consiste, no que se pode chamar de dispositivo misto. No fato dele regular a população, vê-se a característica do dispositivo de segurança, entretanto, seu apoio em modelos de fixação como os chamados dispositivos de

1 Uma das urgências históricas que se pode abordar aqui, conforme evidenciada em dissertação de mestrado intitulada Dispositivos, escolas e infantilidade: um estudo foucaultiano em escoleiras, trata-se da manutenção do Estado por meio de sua população. Para isso, um dispositivo fabrica sujeitos tanto pelo poder disciplinar, adestrando corpos e formando subjetividades obedientes, como também, no aspecto biológico pelo biopoder, de maneira a edificar uma população saudável e forte (Cf. FOUCAULT, 2007; 2008).

aliança, de contar com técnicas que permitem práticas do exame, mostra que o dispositivo de sexualidade contará com perspectivas disciplinares. A segunda é que, embora seja um dispositivo de segurança com aspectos do biopoder, encontram-se nele características do poder enquanto guerra, enfrentamentos, microlutas.

Em *A vontade de saber*, Foucault explora o questionamento da validade da hipótese representada sobre o sexo, diante da sua explosão discursiva, que domina a vida na prática sexual (Cf. CASTRO, 2009). Dessa forma, questões como natalidade, fecundidade, entre outras, não podem mais ser negligenciadas, o que significa que o sexo é algo de interesse de governos e de saúde pública e, assim, fazem-se necessários investimentos em dispositivos para organizarem essas instâncias. Por isso a escola e a psiquiatria pedagogizam o sexo da criança, as políticas atingem as condutas de procriação de forma a tornar cada casal responsável pelo sexo que praticam, entre outras medidas. A história da sexualidade, em suma, mostra como se formou, na cultura ocidental, a sexualidade.

Para Foucault o poder, está em relação e funciona em todas as partes da sociedade. Ora, se o sexo existe nas relações entre pessoas, ocorre também, nas relações de poder. E se as relações de poder são reproduzidas em dispositivos, logo a sexualidade será abordada sob tal forma.

Segundo o filósofo francês, “[...] parece possível distinguir, a partir do século XVIII, quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo.”

(FOUCAULT, 1988, p. 99). É a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

A histerização do corpo da mulher se dá sob três processos que qualificam e desqualificam seu corpo: é vislumbrado como um elemento repleto de sexualidade; é relacionado a patologias e aos saberes médicos; é posto em comunicação com o corpo social e, dessa forma, faz-se necessário regular a fecundidade. É posto em comunicação também com o corpo familiar (é um elemento funcional), além de ser ligado à vida da criança (a reprodução passa a ser de responsabilidade biológica e moral).

A pedagogização do sexo da criança consiste numa estratégia de formação de saber sobre ele, no sentido de os pequenos serem passíveis de atividades sexuais, consideradas indevidas e imorais, além de trazerem perigos físicos. Desse modo, professores, médicos, psicólogos educam o sexo da criança.

O problema econômico remete à socialização das condutas de procriação. São medidas sociais que visam reduzir a fecundidade descontrolada de casais. Por isso, responsabilizam-se os casais, diante de todo corpo social, pelo sexo que praticam.

Por último, a psiquiatrização do prazer perverso: o impulso sexual é entendido como biológico e psíquico e, dessa forma, implica novas formas de saber (a psiquiatrização) para identificar quesitos que atingem tais instintos. Em suma, é a produção de tecnologias para corrigir e normalizar as anomalias sexuais.

A histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso são dispositivos que, segundo Foucault, produzem a sexualidade.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Foucault considera outra modalidade de dispositivo que se liga ao de sexualidade, o dispositivo de aliança, um “[...] sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens.” (FOUCAULT, 1988, p. 100), que perde a importância, devido aos processos econômicos e a forma política não encontrarem nele um suporte suficiente. Por isso, no século XVIII, o dispositivo de sexualidade é edificado e acaba por superpor a aliança.

A aliança e a sexualidade têm características peculiares. Enquanto o dispositivo de aliança atua no âmbito do proibido ou não, visa reproduzir a lei que o rege, define os parceiros de cada indivíduo, o dispositivo de sexualidade atua de acordo com o poder, nas formas de controle e na ascensão de corpos e prazeres.

Numa palavra, o dispositivo de aliança está ordenado para uma homeostase do corpo social, a qual é sua função manter, daí seu vínculo

privilegiado com o direito, daí também, o fato de o momento decisivo, para ele, ser a “reprodução”. O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não reproduzir, mais o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. (FOUCAULT, 1988, p. 101).

Mesmo com a imponência do dispositivo de sexualidade sobre o dispositivo de aliança, este não se torna inútil e, graças a ele, o primeiro se instala. Se um se instala graças ao outro, e cada qual possui características peculiares, existe algum lugar em que eles sejam conciliados? A resposta a essa questão é “sim, existe” e esse local, segundo Michel Foucault, é a família.

Em que sentido? A família denuncia os anormais sexuais e esses são direcionados “[...] aos médicos, aos pedagogos, aos psiquiatras, aos padres e também aos pastores, a todos os ‘especialistas’ possíveis, o longo lamento de seu sofrimento sexual.” (FOUCAULT, 1988, p. 105). Os pais tornam-se agentes da sexualidade e neles se apoiam médicos e pedagogos para psicologizar as relações de aliança. Os discursos normalizadores desses peritos reverberam homossexuais que recusam as mulheres, homens sádicos, mães indiferentes, entre outros considerados anormais.

Nota-se que as perturbações da sexualidade são transportadas da aliança.

A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão, voltada

para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo. (FOUCAULT, 1988, p. 105).

A própria família extrai as confissões de seus integrantes e, após, encaminha os membros considerados anormais sexuais ao campo de observação e formação de saberes dos especialistas. Por isso, diz-se que o dispositivo de sexualidade também traz as características do poder disciplinar. O fato de a família tirar de si as confissões e exportá-las a especialistas, faz com que esses mestres da normalização formem saberes sobre os perversos sexuais, colocando-os sob campos de observação, que permitem pôr um indivíduo sob constante exame. Charcot², por exemplo, recebia filhos encaminhados por pais, mulher por marido e vice-versa, separava esses indivíduos para observá-los atentamente edificando determinado saber médico: trata-se de uma perspectiva de correção e devolução, do indivíduo sexualmente reintegrado, para a família.

2.1 HISTÓRIA DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE

No quarto capítulo de *A vontade de saber*, “O dispositivo de sexualidade”, Foucault faz uma periodização desse dispositivo. São dois momentos em que pode ser observado o problema da repressão.

Num primeiro momento, ocorre a imposição das técnicas de penitência do cristianismo medieval que se cristaliza no século XVIII. São formas de exame de consciência que eram obrigatórias aos indivíduos para confessarem as verdades de si. O confessante sabe das

2 Ver História da sexualidade I: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988 p. 105.

verdades que se passam em si, contudo, não sabe se são pecados ou não. Procura, então, um diretor que o guia em suas condutas: “O dirigido diz: escute, não posso fazer minha oração atualmente, sinto um estado de insensibilidade que me faz perder contato com Deus. E o diretor lhe diz: alguma coisa acontece em você que você não conhece. Nós trabalharemos juntos para produzi-la.” (FOUCAULT, 1979, p. 265).

Dentre as questões que se passavam com um indivíduo, o sexo era uma delas cuja consequência era declarada e, segundo Michel Foucault, por meio de formas confessionais para a extração da verdade de si, se produziu a tecnologia sexual vinculada ao pecado: “Por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito.” (FOUCAULT, 1979, p. 264). A afirmação do pensador francês mostra que essa tecnologia não se limita ao âmbito cristão e alcança outra esfera: “[...] através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância.” (FOUCAULT, 1988, p. 110).

Percebe-se, com isso, um fator importante: a perspectiva da consciência cristã cede lugar ao aspecto do corpo vivo, ou seja, “[...] a tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento, em torno da instituição médica, da exigência de normalidade e, ao invés da questão de morte e do

castigo eterno, do problema da vida e da doença, a 'carne' é transferida para o organismo." (FOUCAULT, 1988, p. 111).

O sexo passa a ser visualizado como um fator de responsabilidade biológica, pois está em relação com a espécie. Nele, vem-se os fatores inerentes à vida, tais como taxas de mortalidade, natalidade, doenças, e, por ganhar essa nova importância, torna-se necessário o investimento em dispositivos que controlem as práticas sexuais: a medicina e a política, por exemplo, elaboraram um discurso de degenerância de hereditariedade, como o surgimento de doenças provindas de ascendentes perversos sexuais, dos homossexuais que degeneram sua prole tornando-a raquítica. Portanto há o discurso e os procedimentos que conceberam a sexualidade³.

O segundo momento refere-se ao seguinte ponto: investiga-se o dispositivo de sexualidade no âmbito da repressão ligando-o à burguesia. Dessa forma, muitos podem fazê-lo associando-o à força de trabalho. Ao relacionar sexualidade e força de trabalho, tende-se a pensar que o sexo é controlado por dispositivos que se encarregam de direcionar um indivíduo a não gastar suas energias em prazeres inúteis, mas

3 Disso decorre um racismo que dá à tecnologia do sexo um grande poder de objetivação. Não se aprofunda a questão do racismo para não desviar a investigação do dispositivo de sexualidade, mas para tal, ver: FOUCAULT, M História da sexualidade I: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988; FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Sobre os discursos de degenerância ver: FOUCAULT, M. Os anormais São Paulo: Martins Fontes, 2011.

sim, dedicá-las ao trabalho. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se pensar que o controle sexual, ao induzir os indivíduos ao trabalho, torna-se uma maneira de a burguesia dominar a classe pobre. Mas não é assim que sucede e é deturpador afirmar tal coisa. Nos estudos foucaultianos evidencia-se que o controle da sexualidade, primeiramente, foi dirigido às classes burguesas⁴ que atribuem grande importância ao controle de seu sexo, que “[...] problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina.” (FOUCAULT, 1988, p. 114). Significa que a burguesia investe-se no dispositivo de sexualidade e acaba por privar desse dispositivo, num primeiro momento, as camadas populares.

Contudo, não é correto afirmar que as classes mais pobres encontram-se fora desse dispositivo de sexualidade, pois no século XVIII, o dispositivo de sexualidade adentra a classe proletária com três metas precisas: visando a natalidade; a moralização dos pobres – para que se efetive a organização da família e o controle judiciário e médico das perversões, que visa proteger a sociedade.

Pode-se dizer que, então, o dispositivo de ‘sexualidade’, elaborado de acordo com suas formas mais complexas e mais intensas para e pelas classes privilegiadas, difundiu-se no corpo social como um todo. Mas não recebeu em todo lugar as mesmas formas, nem utilizou em toda parte os mesmos instrumentos (os papéis respectivos

4 O exame de consciência por meio da confissão, por exemplo, era uma prática disseminada entre a burguesia.

da instância médica e da instância judiciária não foram os mesmos lá e aqui; nem a maneira como funcionou a medicina da sexualidade) (FOUCAULT, 1988, p. 115).

É deturpador afirmar que o dispositivo de sexualidade emergiu para limitar os prazeres sexuais, assim como dizer que tal dispositivo se instaura devido à modalidade do trabalho capitalista burguês. Como exposto, um dispositivo é edificado para atender determinada urgência histórica. Qual é a necessidade para o levantamento do dispositivo de sexualidade? Sua exigência atende à problematização do corpo, visando à saúde e condições para seu funcionamento: trata-se de uma perspectiva que visa maximizar a vida da classe que domina. Isso justifica o motivo, segundo Foucault, pelo qual o dispositivo de sexualidade voltou-se primeiramente para a classe burguesa. Nela foi estabelecida “[...] em primeira instância, o dispositivo de sexualidade como nova distribuição dos prazeres, dos discursos, das verdades e dos poderes.” (FOUCAULT, 1988, p. 116).

A maximização da vida burguesa não deve ser compreendida como algo que consiste numa forma que a burguesia utiliza para dominar outras camadas sociais, mas, incide em uma forma de autoafirmação dessa classe. Ora, isso significa que a própria burguesia submeteu-se a determinado exercício de poder do qual se formou certos saberes como, por exemplo, as implicações do sexo na saúde dos que o praticam, como também, de sua descendência. A partir da metade do século XVIII, a burguesia esteve:

[...] empenhada em se atribuir uma sexualidade e construir para si, a partir dela, um corpo específico, um corpo 'de classe' como uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça: autosssexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio, endogamia do sexo e do corpo. (FOUCAULT, 1988, p. 117).

Se a nobreza possuía uma característica para se afirmar, enquanto classe, por meio de seu sangue, pela ascendência, a burguesia possuía o desejo de se autoafirmar. Contudo, investe no controle de seu sexo, em sua saúde. Ao se observar o arquétipo das relações matrimoniais dessa classe, encontram-se características desse modelo: ao consistir sua afirmação por meio da saúde, do sexo, a efetivação dos casamentos dessa camada social já não visa somente à perspectiva econômica, mas, dá-se uma atenção especial à hereditariedade. O indivíduo de família burguesa X não se casará com certa pessoa da família burguesa Y, se houver nessa última, uma mulher estéril, um avô com paralisia, entre outros malefícios que, por meio do discurso ministrado nesse dispositivo pode prejudicar a prole.

A valorização do corpo deve mesmo ser ligada ao processo de crescimento e de estabelecimento da hegemonia burguesa; mas não devido ao valor mercantil alcançado pela força do trabalho, e sim pelo que podia representar política, econômica e, também, historicamente, para o presente e para o futuro da burguesia e, a 'cultura' do seu próprio corpo. (FOUCAULT, 1988, p. 118).

A afirmação da vitalidade implica determinado racismo, não um racismo conservador, como o da nobreza, ao qual parte do sangue, da titulação, mas,

em racismo de expansão, um racismo biológico que trata do aparecimento “[...] de uma biologia de tipo racista, inteiramente centrada em torno da concepção da degenerescência.” (FOUCAULT, 1979, p. 271).

Nessa perspectiva, para se afirmar a consciência de classe, afirma-se o corpo. É justamente, o que a burguesia fez a converter o sangue azul dos nobres na sexualidade sadia. Se o diferencial dessa camada social está na sexualidade, fica claro o motivo da demora em reconhecer o sexo nas camadas populares: o sexo, na classe pobre não era de interesse da burguesia e, talvez, poder-se-ia ilustrar seu pensamento da seguinte forma: “que eles – os das outras classes – fizessem o uso dessa prática de qualquer forma, isso não nos importa”. De fato não importava, até determinado momento, até essa prática acarretar dois problemas: a implicação em epidemias e as desvantagens econômicas. Para resolução dessas questões, é exigido o controle do fluxo da população e as regulamentações demográficas. Devido a isso, criam-se dispositivos que vigiam o corpo e a sexualidade dos indivíduos:

[...] a escola, a política habitacional, a higiene pública, as instituições de assistência e previdência, a medicalização geral das populações, em suma, todo um aparelho administrativo e técnico permitiu, sem perigo, importar o dispositivo de sexualidade para a classe explorada; ele já não corria o risco de desempenhar um papel de afirmação de classe em face da burguesia; continuava instrumento de sua hegemonia. (FOUCAULT, 1988, p. 119).

Ambas as classes são investidas por esse dispositivo, mas o proletariado não se coloca na mesma

modalidade que a burguesia porque, um dispositivo não produz exatamente os mesmos efeitos de poder em lugares diferenciados. Dessa forma, é permitido afirmar que existem sexualidades e não sexualidade: existe uma sexualidade burguesa, bem como há uma sexualidade de classes. Nas palavras do filósofo:

Se é verdade que a 'sexualidade' é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos. (FOUCAULT, 1988, p. 120).

A burguesia diferencia sua sexualidade das demais classes e aí, observa-se o sentido da repressão: "Doravante, a diferenciação social não se afirmará pela qualidade 'sexual' do corpo, mas pela intensidade da sua repressão." (FOUCAULT, 1988, p. 121). A repressão produzirá um indivíduo diferente em cada modalidade, ou seja, um indivíduo investido por esse dispositivo na classe burguesa será diferente de outro investido em outra classe, o que demonstra a diferenciação no investimento da sexualidade.

3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbra-se que o dispositivo de sexualidade foi investido por dispositivos estratégicos da histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquitriação do prazer perverso que produzem o conceito de sexualidade nas sociedades ocidentais. Isso permite dizer que, se for investido por ele, tudo o que

se entende por sexo é produto de saber-poder sobre tal.

Vê-se que o dispositivo em questão sobressai-se ao de aliança que se caracteriza em modelos de fixação, entretanto, não o substituiu. Embora o primeiro seja identificado pelo poder e o segundo por formas de fixação, na família esses dois dispositivos se encontram e são conciliados – a família direciona indivíduos considerados anormais sexuais a especialistas que formam saberes sobre a sua sexualidade.

Abordou-se, também, o caso da repressão que produz indivíduos diferentes em certas instâncias de poder. A repressão é analisada em dois momentos: primeiro, na imposição da técnica de confissão do cristianismo, que no século XVIII, torna-se altamente eficaz e dá origem à tecnologia do sexo. No segundo momento, vê-se o problema da burguesia do qual se pode deduzir qualquer coisa dela como o pensamento deturpado em dizer que ela controla o sexo do proletário para induzi-lo ao trabalho: Foucault mostra que o controle sexual é feito, primeiramente, na classe burguesa que via no sexo a maneira de se afirmar enquanto uma classe distinta e é por isso que a sexualidade demora a ser reconhecida nas classes populares. E só o é, quando se entende que o uso do sexo, desses, implica problemas econômicos e epidemias. Desse modo, todas as classes são investidas pelo dispositivo de sexualidade, mas que terão efeitos de poder diferentes, ou seja, há uma sexualidade diferenciada da burguesia e do proletariado.

Contudo, resta uma indagação, qual seja, o dispositivo é um investimento burguês, e nele se

reproduzem relações de poder. Pode-se dizer que fora a própria burguesia quem impôs a estratégia?

Na entrevista de Foucault, no capítulo “Sobre a história da sexualidade”, contida no livro *Microfísica do poder*, o filósofo explicita que aparecem estratégias para fixar operários a fim de evitar a mobilidade de emprego, pressionam-se as pessoas ao casamento, faz-se com que paguem aluguéis adiantados tornando, assim, os operários eternos devedores do patrão. Desse modo, cria-se todo um discurso para moralização dos operários, que contando com dispositivos auxiliares que se articulam e se organizam numa estratégia global. Contudo, não se sabe quem a concebeu: é aquilo que Foucault chama de estratégia sem estrategista.

A dominação de uma classe só se torna possível graças a “[...] efeitos de um certo número de táticas eficazes, sistemáticas, que funcionam no interior de grandes estratégias que asseguram esta dominação.” (FOUCAULT, 1979, p. 252). A estratégia de moralização da classe operária é um exemplo disso. A moralização da classe operária é burguesa e isso é o que mantém a burguesia enquanto classe dominante, mas não significa que tal classe dominante a impôs. Quer-se dizer que um objetivo se impõe, o que permite a articulação da estratégia para o exercício de poder. A estratégia de moralização, por exemplo, só se efetiva:

[...] porque respondia ao objetivo urgente de dominar uma mão-de-obra flutuante e vagabunda. Portanto, o objetivo existia e a estratégia desenvolveu-se, com uma coerência cada vez maior, mas sem que se deva supor um sujeito detentor da Lei, enunciando-a sob a forma

de um 'você deve, você não deve'. (FOUCAULT, 1979, p. 253).

Não se sabe quem cria a estratégia, mas ela se efetiva devido a um objetivo já declarado. A estratégia é elaborada por uma série de manobras que asseguram relações de poder, e para tal, são edificados dispositivos.

